

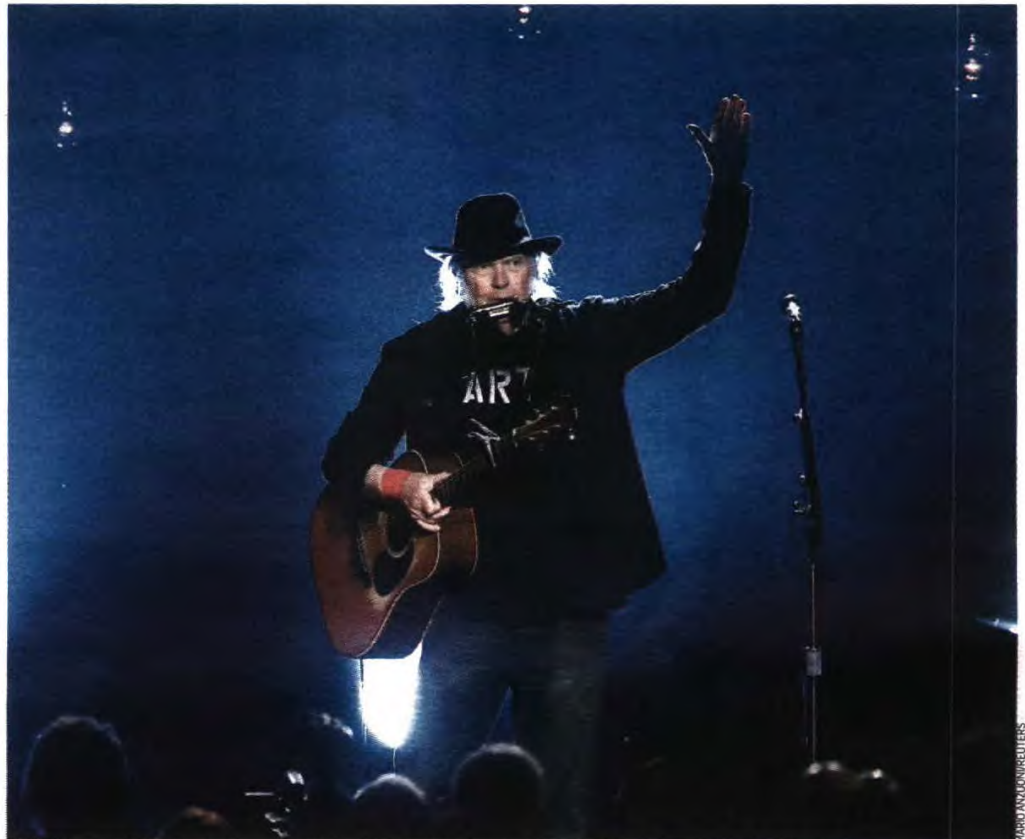
Neil aos 70 anos: este, sim, é Young para sempre

Aniversário. O homem que já fez tudo na música continua a desbravar caminhos e a alargar horizontes. Agora, ganha novo estatuto – vai tornar-se septuagenário

JOÃO GOVERN

Se o comum dos mortais conhecesse o nome completo do artista ganharia uma pista – ao menos simbólica – para perceber a razão pela qual ele manifesta e exerce uma vigorosa mistura de inquietação e de procura. Ora bem: o homem em causa, nascido em Toronto, Canadá, há quase 70 anos (completam-se na quinta-feira, dia 12), chama-se Neil Percival Young e, muito embora os nomes inicial e final cheguem e sobrem para o seu reconhecimento automático, o nome do meio tem que se lhe diga. De acordo com os ensinamentos da Literatura, Percival foi um dos cavaleiros que participaram da Távola Redonda, liderada pelo Rei Artur, e notabilizou-se, de forma particular, na Demanda do Santo Graal. O esforço não se afigura exagerado na transposição desta demanda para aquela que o cantor, compositor, autor e multi-instrumentista vem cumprindo, há quase meio século, no domínio da sua atividade, recusando fórmulas resolventes, persistindo em experimentar e transformar, mantendo como lema a procura da diferença.

Esta “agitação permanente” de Young ganha peso no reconhecimento crítico que o leva, muitas vezes, a servir de ponte de concórdia entre analistas de gostos aparentemente incompatíveis. Em 50 anos de atividade discográfica – o primeiro disco dos Buffalo Springfield, que o juntou a Stephen Stills e a mais alguns parceiros, foi lançado em 1966 –, este canadiano, que nunca renunciou à cidadania do seu país de origem, apesar de viver há muitos lustros nos Estados Unidos, correu as capelinhas todas: começou, no dizer de Joni Mitchell, sua amiga, compatriota e parceira de maleita (paralisia infantil), em terrenos *folk* e muito à sombra de Bob Dylan; incorporou a linguagem *rock* e misturou-as, chegando mesmo a ser acusado por Stills de “querer tocar *folk* num grupo *rock*”; tomou-se de amores pelo *rockabilly*, momentos em que não faltaram os fatos espumantes e a brilhantina no cabelo; deixou-se deslumbrar, talvez pela sua condição de pequeno empresário agrícola e pecuário, pela *country music*; mergulhou de cabeça – mesmo que o resultado possa olhar-se como um “chapão” – na música eletrónica; temperou, amiúde, as suas apresentações em palco e em disco de



Neil Young num concerto de tributo a Bob Dylan em fevereiro deste ano em Los Angeles

DOCUMENTÁRIO

O olhar musical de Jonathan Demme

Um retrato musical do músico e compositor Neil Young por Jonathan Demme – em *Neil Young: Heart of Gold*. É esta a proposta do Lisbon & Estoril Film Festival para hoje, às 21.00, e conta com a presença do realizador na Casa das Histórias – Paula Rego (Cascais). O documentário, de 2006, acompanha a atuação do músico canadiano em duas noites no Ryman Auditorium, em Nashville, EUA. Na sexta, às 19.00, volta a passar, desta feita no Medeia Monumental, também com a presença do cineasta. Rodado meses antes de uma delicada cirurgia a um aneurisma cerebral, o documentário regista as atuações intensas de Nashville. Na época, Young já sabia da doença e optou por fazer os concertos.

elementos chegados ao psicadelismo; abraçou, eventualmente em passagens mais abrasivas da sua vida, as regras do *hard rock*. Não é pouco, mesmo que consideremos a extensa discografia de Young.

Tangente à morte

Com tantos ziguezagues, com etapas acima de suspeita e que não suscitam reticências, com outras que preferíamos não testemunhar (mas com Young não há alternativa ao “pacote completo”), o artista continua a obrigar-nos a uma atenção continuada à sua intensa produção – 14 discos desde o princípio do milénio. Nunca se sabe quando uma nova página deste volumoso “livro de estilos” acaba por implicar uma nova obra-prima. Acresce – e lá está o tempo a imiscuir-se nestas coisas – que a saúde de Neil também não é de ferro: segundo os relatos dos mais próximos, ele fez mesmo uma tangente à morte, em 2005, quando lhe foi detetado um aneurisma. Retirou-se, moderou-se, desacelerou? Nada disso. Continua empenhadíssimo na sua cruzada ecológica, de que vale a pena ressaltar o insistente trabalho (e o considerável

investimento) que lhe permitiu transformar o seu Lincoln Continental, de 1959, num automóvel híbrido – está tudo relatado num documentário intitulado *LincVolt*, que ele próprio dirigiu.

A ação humanitária é outro dos combates em que se destaca: em 1985, foi cofundador (com Willie Nelson e John Mellencamp) do Farm Aid, organização que visa ajudar os agricultores americanos em dificuldades. Depois, com a mulher, Pegi Morton (hoje “ex”), fundou a Bridge School, núcleo de ensino especial para apoiar crianças com severos problemas na fala e na coordenação motora. Não espanta este envolvimento: dois dos três filhos de Young (nascidos em duas relações diferentes), Zeke e Ben, sofrem de paralisia cerebral. A mais nova, Amber Jean, é epilética – como o pai. Doenças à parte, o homem não parece disposto a abrandar, como se prova pela edição do segundo volume das suas memórias e por mais uma digressão por todo o território norte-americano. Justifica-se, assim, uma apropriação do alheio para sentenciar um desejo: *forever Young*, Neil. Ainda mais com 70 anos.